

Pessoas LGBTQIAPN+ também torcem: redes sociais, novos associativismos e a luta por presença no futebol¹

Camila Augusta Pereira²
Leda Maria da Costa³
Soraya Damasio Bertoncetto⁴
Marcelo Alves de Resende⁵
Geovana Costa do Nascimento⁶
Bernardo Gomes de Brito⁷
Ana Carolina Nogueira⁸
Janeiro Luisa de Lima Ferreira⁹

Palavra-chave: pessoas LGBTQIAPN+; rede social; associativismo torcedor; futebol.

Introdução

Este resumo apresenta alguns dados derivados de um projeto maior relativo à produção de um relatório que visa a mapear e analisar a presença, em redes sociais, de torcidas, movimentos e coletivos LGBTQIAPN+ vinculados ao futebol brasileiro.¹⁰ A metodologia usada baseou-se num processo de busca simples nas redes sociais Instagram, X, Youtube, Blue Sky e Facebook. Recorremos à busca pelas palavras-chave “torcida LGBTQIAPN+”, “coletivo LGBTQIAPN+”, “movimento LGBTQIAPN+”. Selecionamos perfis em cuja descrição estivesse explicitado à defesa de pautas vinculadas às pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Usamos também como fonte a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora do Curso de Comunicação Social da UNIFACHA e da pós em Jornalismo Esportivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do LEME/ UERJ. E-mail: profa.camilaaugustapereira@gmail.com.

³ Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora adjunta do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME)/UERJ, coordenadora do Observatório Social do Futebol. E-mail: leda.maria.costa@uerj.br.

⁴ Doutora em Comunicação Social, Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pesquisadora do LEME/ UERJ. E-mail: soraya.soraya@gmail.com.

⁵ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Autor do livro “7 a 1 nos jornais do Brasil”. E-mail: mar.marceloresende@gmail.com.

⁶ Graduanda em Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Extensão do Observatório Social do Futebol/ LEME/ UERJ. E-mail: geovana.costa.nascimento.9@gmail.com.

⁷ Graduando em Relações Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bolsista de Estágio Interno Complementar do Observatório Social do Futebol/ LEME/ UERJ. Email: bgmdebrito56@gmail.com.

⁸ Graduanda em Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Monitoria UERJ. Email: guimaraesnogueiraa@gmail.com.

⁹ Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e voluntária PIBIC no Observatório Social do Futebol/ LEME/ UERJ. E-mail: ferreiraluisa0141@gmail.com.

¹⁰ Para este resumo não nos deteremos sobre as diferenças entre esses conceitos. Os perfis encontrados fazem uso variados desses termos. Em alguns momentos nos limitaremos a usar o termo torcida com vistas a tornar a leitura menos cansativa e porque todos os perfis manifestam de algum modo sua torcida por um clube do coração

listagem de torcidas LGBTQIAPN+ que consta no site do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+¹¹. Levaremos em consideração os perfis de torcidas cujo conteúdo ainda permanece disponível para acesso em qualquer uma das redes sociais mencionadas. É o caso da Galo Queer, cujo perfil do Facebook, criado em 2012, não há postagem nova desde 2022 e no perfil do X, criado no mesmo ano, nada de novo desde 2014¹².

A proposta deste resumo não visa à elaboração de análises adensadas sobre as dinâmicas comunicacionais das torcidas em redes sociais ou sobre suas estratégias discursivas de visibilidade. A proposta aqui apresentada integra a construção de um “Painel das torcidas LGBTQIAPN+”, de caráter informativo sobre as torcidas LGBTQIAPN+ com gráficos e infográficos interativos elaborados com o programa do software Flourish¹³. Para cumprir esse fim, organizamos em tabelas os seguintes dados: nome dos coletivos, torcidas ou movimentos, os clubes para os quais torcem, o ano de criação dos perfis, a autodenominação usada (coletivo, torcida, movimento), indicadores de presença da torcida nas arquibancadas, data da última publicação, se a torcida é seguida pelo clube pelo qual torce e por torcidas adversárias.

Painel das torcidas LGBTQIAPN+

No decorrer dos anos de 2010, foram perceptíveis mudanças no cenário do associativismo torcedor, no Brasil, com o surgimento de torcidas, movimentos e coletivos imbuídos do objetivo de levarem ao debate público à defesa de um futebol mais popular e democrático (Teixeira e Hollanda, 2016). Esse fenômeno atingiu um ponto de efusão no período que antecedeu a realização da Copa do Mundo de 2014, sobretudo 2013, época em que houve diversas manifestações contrárias ao chamado “padrão Fifa” (Lopes, 2020; Damo, 2014; Hollanda e Reis, 2014).

O surgimento das redes sociais digitais representou um marco para a articulação de grupos historicamente minorizados, ao possibilitar novas formas de comunicação, mobilização e construção de identidades coletivas em rede. Conforme argumenta Manuel Castells em *Redes de Indignação e Esperança* (2013), as tecnologias digitais

¹¹ Fonte: <https://canarinhoslgbtq.com.br/observatorio-da-lgbtqfobia-no-futebol/>

¹² Endereços da Galo Queer: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100063675161526>
<https://x.com/galoqueer>

¹³ Esse material visual será apresentado, juntamente com o conteúdo deste resumo, no dia da apresentação no congresso da Intercom.

ampliam a capacidade dos indivíduos de se organizarem, produzindo espaços autônomos de expressão e ação política que desafiam estruturas tradicionais de poder. No contexto do futebol brasileiro, essas transformações favoreceram o surgimento das chamadas “novas torcidas”, coletivos formados por mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, negros e outros grupos que enfrentam processos de exclusão nas arquibancadas (Pinto e Almeida, 2018). Lopes, Dias e Penteado (2022) destacam que as redes sociais têm funcionado como suporte a movimentos sociais coletivos de torcidas, reformulando conceitos de participação e espaço democrático.

Em pesquisa realizada em redes sociais encontramos 30 torcidas LGBTQIAPN+, sendo a primeira delas a Galo Queer, fundada em 2013, e as últimas, até o momento da escrita deste resumo, a Timão pride, Tricolor lgbt e Vou festejar¹⁴. O ano de 2013 é representativo para o ressurgimento de torcidas voltadas para acolher o público LGBTQIAPN+ e lutar pela sua inclusão no futebol¹⁵. Nesse período, temos a Galo Queer, a Palmeiras Livre e a Gayvotas da Fiel, todas com perfis no ar ainda neste ano de 2026. Como mencionado acima, 2013 foi um período de renovação no panorama do associativismo torcedor influenciado pelo ativismo de rua, sobretudo, do Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de 20 centavos no preço das passagens do transporte público¹⁶. Em 2015, houve a formação de apenas uma torcida, a Papão Livre do clube Paysandu. Depois, somente em 2019, há nas redes sociais o aparecimento de novas torcidas e coletivos, o que inclui a tentativa de retomada da Fla-gay¹⁷. O Instagram é a rede social mais usada pelos coletivos e torcidas aqui mencionados, as únicas torcidas que não possuem perfil nessa rede são: Galo Queer; Tigrão LGBT, Paraná LGBT, Vasco LGBTQ+; LGBTIMBA.

¹⁴ Respectivamente, torcidas do Sport Club Corinthians Paulista, do São Paulo Futebol Clube e do Clube Atlético Mineiro.

¹⁵ No final dos anos de 1970 e nos anos de 1980 houve o surgimento das chamadas “torcidas gays” entre as quais se destaca a Coligay do Grêmio e a Maré Vermelha do Inter de Santa Maria. A primeira foi fundada em 1979 e durou até 1983, a segunda foi criada em 1979 e terminou suas atividades em 1990. Sobre essas torcidas ver Luiza dos Anjos

¹⁶ É importante destacar a formação das Antifas que são representativas desse momento político. Sobre as Antifas ver os trabalhos de Felipe Tavares (2023, 2020)

¹⁷ A Fla-gay foi criada, em 1979, pelo carnavalesco Clóvis Bornay e pelo jornalista Pedro Paradela. A promessa de ida às arquibancadas do Maracanã provou reações negativas em dirigentes e torcedores do Flamengo. A torcida deixou de existir naquele mesmo ano. Em 2003, algumas notícias de jornal davam conta do retorno da Fla-gay, o que não se cumpriu. Em 2016, aparece o perfil da FlaGay no Facebook que se mantém até a escrita deste resumo.

O campo dos estudos de Comunicação e Esporte tem se debruçado a respeito do associativismo torcedor. Existem pesquisas acadêmicas que demonstram que tentativas dessas torcidas se fazerem presentes nos estádios foram recebidas com ameaça (Pinto e Almeida, 2018). Em vários perfis aqui abordados, não foi possível encontrarmos registro de presença individual ou coletiva da torcida nos estádios. Adotamos alguns critérios para realizarmos essa contabilização: 1. É preciso que a imagem tenha sido publicada no perfil oficial da torcida ou coletivo; 2. É preciso que a pessoa ou grupo esteja identificada com símbolos da torcida (camisas, bandeiras, faixas etc.); 3. É preciso que a foto evidencie que a pessoa ou grupo esteja dentro do estádio de futebol. É importante reiterar que nossa fonte de dados foi exclusivamente buscada nos conteúdos publicados nas redes sociais oficiais das torcidas. Isso significa que é possível que existam outros registros de ida aos estádios, passíveis de serem encontradas em trabalhos futuros.

A atenção que estamos dando à presença nos estádios de modo algum se justifica por algum tipo de pressuposto de que o estádio seja o único espaço capaz de conferir legitimidade ao torcer ou a alguma torcida. Adotar essa perspectiva seria um contrassenso à proposta deste painel e à história das novas torcidas e dos coletivos LGBTQIAPN+. Por outro lado, essas torcidas e coletivos têm sua luta indissociável da busca pelo direito à visibilidade e presença nas arquibancadas não só virtuais, mas as de concreto. Torcer é um direito do qual precisamos usufruir em suas diferentes formas, em casa, no bar, nas ruas, nas redes sociais e nos estádios. Em 2021, a Furacão LGBTQ publicou uma “Carta aberta à diretoria do Club Athletico Paranaense” na qual solicita que a diretoria do clube tome medidas que visem à inclusão segura dos torcedores LGBTQIAPN+ no estádio e seu entorno.¹⁸

As torcidas LGBTQIAPN+ têm tido o direito ao estádio cerceado, o que tem sido demonstrado na literatura especializada e o que aponta o levantamento de dados a seguir: das 30 torcidas encontradas, somente seis demonstraram estar presentes no estádio, sendo elas: Vozão Pride (Ceará Sporting Club); Botafogo LGBTQIA+ (Botafogo de Futebol e Regatas); Orgulho Rubro-negro (Esporte Clube Vitória); Palmeiras Livre (Sociedade Esportiva Palmeiras); LGBTricolor (Esporte Clube Bahia) e Maria de Minas (Cruzeiro Esporte Clube)

¹⁸ Fonte: <https://www.instagram.com/p/CO-UgThhVO3/>

Além do engajamento com pautas vinculadas à defesa dos direitos LGBTQIAPN+ no futebol dos direitos LGBTQIAPN+ no futebol, essas torcidas também voltam sua atenção para seus clubes de coração, ou seja, o torcer é elemento fundamental da configuração de suas identidades. Em seus perfis, fala-se de resultados em campo e do desempenho em jogos. Triunfos são festejados e derrotas lamentadas. É importante, entretanto, destacar que somente dois clubes seguem os perfis de suas torcidas LGBTQIAPN+, sendo eles o Santa Cruz (Recife) e Vitória (Bahia).

Conclusões provisórias

No futebol, o ambiente virtual tem aberto caminhos para a criação de comunidades, fóruns de debate e outros meios de discussão de temas e convocação para ações que visem promover mudanças no futebol e em seus clubes (Gibbons e Dixon, 2010). Além de iniciativas reivindicatórias, a internet também é usada para a articulação de identidades sociais de agrupamentos de torcedores. Para Gibbons e Dixon, a internet é uma extensão da vida cotidiana, sendo assim, as manifestações torcedoras expostas por esse meio não devem ser desconsideradas, pois estão anexadas a demandas do cotidiano dos torcedores, do futebol e da sociedade de um modo geral. Essa questão nos parece que se evidencia no caso das torcidas aqui mostradas.

O torcer é um caminho para processos de politização de questões antes tratadas de modo naturalizado, mas que podem ser problematizadas e inseridas no debate público estimulando a formulação de leis e outras medidas voltadas para a resolução de problemas (Vimieiro, 2017). Em 2023, por exemplo, o Regulamento Geral de Competições da CBF tornou expressa o estabelecimento de punições derivadas da ocorrência de atos discriminatórios em jogos de futebol. Nesse mesmo ano, o clube Corinthians jogou a partida contra o Vasco, válida pela 17ª rodada do Brasileirão, com portões fechados devido aos cânticos homofóbicos entoados por sua torcida na Arena Neoquímica¹⁹.

Ainda há muito que ser conquistado pela população LGBTQIAPN+ no que diz respeito ao direito de torcer nas arquibancadas de concreto. Essas conquistas estão diretamente vinculadas à luta empreendida nas arquibancadas digitais.

¹⁹ Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/07/06/no-pleno-corinthians-e-punido-e-vai-jogar-uma-partida-com-portoes-fechados-por-cantos-homofobicos.ghtml>

Referências

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay**. Santos: Dolores Editora, 2022.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Pedagogias do futebol e do torcer. *In*: BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. (Orgs.). **Pedagogias do futebol e do torcer**. Porto Alegre: Cirkula, 2024, p. 11-44.
- BONFIM, Aira. **Futebol feminino no Brasil: Entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: 2023.
- GIBBONS, Tom / DIXON, Kevin ‘Surf’s up!’: A call to take English soccer fan Interactions on the Internet more seriously. *Fan Power, Soccer & Society*, 2010, 2:1, 39-58
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. (Orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. O “trio de ferro” contra a dominação: Torcedores de futebol, ativismo e resistência. 2023. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2023.
- LOPES, Felipe Tavares Paes e Rueda Lupicínio Iñíguez, Futebol, ativismo e resistência: uma análise (crítica) de discurso de páginas do Facebook de torcidas antifascistas de São Paulo (2019-2020)) *Discurso & Sociedad*, 16(2), 2022, 420-441.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PINTO, Rodrigues; ALMEIDA, Marco Betinne. Novos “sujeitxs-torcedorxs: trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeira Livre. **Mosaico**, Volume 9, N. 4, 2018.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: A profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- TEIXEIRA, R. e HOLLANDA, B. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, 28, 2016.
- VIMIEIRO, Ana e MAIA, Rousiley Celi Moreira. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol. *Esferas*. Ano 6, no 10, janeiro a junho de 2017.